

 [hpG Hospedagem](#) [Monte sua Loja Virtual](#) [Divulgue seu site nos buscadores](#) [Tenha um domínio próprio](#) [Ação Social](#) [Blig Turbo](#)

# NOTÍCIA COMENTADA

**Página principal** Domingo, 2 de junho de 2002

**Anteriores** [CartaCapital](#)  
**Universidades. Mais vagas. Para ricos.**

**Comente** Enquanto a revista *Época* lamenta pela classe média, a revista [CartaCapital](#) vai atrás do jornal *Folha de São Paulo*, que na [segunda-feira](#), dia 27 de maio, apresentou estudo do IBGE analisado pelo sociólogo Simon Schwartzman concluindo que além de não ter chegado às classes mais pobres o ensino superior até ficou um pouco mais elitizado. A revista tenta comprovar uma tese defendida em sua capa de 5 de julho de 2000 segundo a qual o crescimento das vagas, por si só, não garante um maior acesso proporcional de estudantes de famílias menos abastadas. De acordo com *CartaCapital*, o crescimento das vagas nas faculdades particulares aumenta a elitização, enquanto



nas públicas coexistem núcleos de qualidade e de miséria. Segundo a revista, a explicação para a elitização está no vestibular, que dificulta o acesso de filhos de famílias que não podem custear uma boa formação básica.

A revista *Época*, entretanto, questiona a constatação apresentada por *CartaCapital* e pela *Folha*. Diz a revista que de acordo com dados do Provão 2002 mais da metade dos estudantes de faculdades federais são de famílias que ganham até R\$ 1.800 e que 13% vivem com até R\$ 540 por mês. *Época* apresenta os mesmos dados analisados pelo sociólogo Simon Schwartzman para concluir justamente o inverso do constatado por *Folha de S.Paulo* e *CartaCapital*.

Quase ninguém está falando na greve dos alunos FFLCH, da USP, mas *CartaCapital* resolve abordar o assunto. E não se limita à greve, usando-a somente como gancho para ser mais ampla e tratar da situação do ensino superior no País. O diagnóstico não é positivo, como se vê logo no título da reportagem: "Mais desigualdade nas universidades."

Os alunos da FFLCH protestam contra a falta de professores e o sucateamento dos cursos, mas ainda são uma camada privilegiada se comparada aos demais estudantes que sonham em poder sentar-se em um banco de universidade. Apenas 12% dos brasileiros com idade universitária estão na faculdade e o número é mais desanimador ainda se se considerar os jovens de camadas mais pobres da sociedade.

O governo mostra orgulho quando revela que as vagas estão aumentando e o acesso à universidade vem sendo democratizado, mas falta dizer que a qualidade das novas vagas oferecidas por instituições particulares é muito discutível e as altas mensalidades fazem com que a educação se elitize cada vez mais. *CartaCapital* revela que a participação em universidades da metade mais pobre do País caiu de 8,5% para 6,9%.

Boas iniciativas, como o Financiamento Estudantil (Fies) atendem a uma parcela irrisória da demanda, cerca de 150 mil estudantes. E as vagas em universidades públicas historicamente são destinadas a alunos que fizeram o Ensino Médio em bons colégios privados.

Tem também a questão dos investimentos privados em universidades públicas, o que acirra a discussão na FFLCH. Cursos que interessam ao mercado, como Economia e Administração, recebem investimentos de fundações, mas Letras ou Filosofia são abandonados e os professores acabam migrando para faculdades particulares, onde podem receber salários melhores.

A situação é exposta com crueza e a análise é bem feita, embora soe negativa para um Ministério da Educação que se orgulha de suas supostas conquistas e as transforma em bandeira da era FHC. A reportagem se encerra com um artigo de Nicolau Sevcenko, professor da USP, que sintetiza o espírito da greve da FFLCH: "A atual greve dos alunos é um alerta oportuno. Ouçamos antes que seja tarde demais."